

MONUMENTOS NACIONAES ANTIGOS

II

O tumulo de S. Fr. Gil estava vazio, a loisa levantada e quebrada!...

Quem me roubou o meu santo?

GARRETT. — Viagens.

Convento de S. Domingos de Santarem

Talvez nenhuma villa de Portugal contasse já-mais no seu seio tantos monumentos antigos, como Santarem. Romanos, Godos, Mouros e Chris-

tãos, todos conheceram a importancia deste local, e n'elle, como á portia, deixaram monumentos da sua existencia. Mas, como era natural, quem mais embellezou a antiga Scalabis dos Romanos, foram as ordens religiosas. Ide a Santarem, percorrei os antigos bairros da villa, e por toda a parte vereis as negras paredes dos templos ameaçando ruína: eram templos e mosteiros as obras de nossos antepassados: mas procurai tambem as obras dos modernos... certamente em nada os encontrareis adiantados nesta villa, senão na arte de empregar a picareta e o camartello na demo-



Convento de S. Domingos de Santarem

lição de tudo, quanto é antigo, de tudo, quanto é nobre, de tudo quanto pôde dar honra a nossos maiores. Santarem causa horror: e o antiquario, o amante das artes, o indagador dos monumentos historicos deve fugir desta villa.

Tambem S. Domingos de Santarem não escapou da assolação geral. Conta-se que, durante a guerra peninsular, chegando os Francezes a uma aldeia hespanhola com tenção de a arrasarem, e perguntando pelo seu nome, ouvindo que se chamava *Del Toboso*, nome tão conhecido no *D. Quichote*, é immortalisado pela penna de Cervantes, deram uma gargalhada, e a aldeia ficou incolume. Dizem tambem as historias antigas, que os Macedonios abstiveram-se de arrasarem uma cidade por ser patria d'um sabio illustre. Mas a S. Domingos de Santarem nada pode valer: nem a sua muita antiguidade, e recordações historicas, nem as cinzas de tantos varões illustres, que ali estavam dormindo o ultimo somno, nem as lendas religiosas e tão poeticas que se contavam dos seus antigos moradores, nem mesmo a penna maviosa de Fr. Luiz de Sousa! D'aqui por diante

a capella-mór, obra do infeliz D. Sancho II, que ainda existe intacta, servirá de deposito de feno e palha. As cinzas de Gil e Martim Occm, e as dos infantes D. Affonso, e Fernando Sanches, e de tantos outros varões illustres serão espalhadas pelo chão, calcadas pelos cavallos e cobertas de estrume: os ricos jazigos destes varões illustres tambem podem servir para bebedouro dos cavallos. Aquelles claustros, que tantas vezes ouviram os gemidos e os prantos de S. Fr. Gil, que tantas vezes foram borrifados com o sangue deste tão grande physico, peccador, feliceiro, e santo, são hoje theatro, em que os toureadores exercitam sua arte cruel. Os povos não se reúnem aqui para ouvirem as vozes eloquentes dos varões que, com sua palavra e viver, educavam os povos no caminho da verdade, porem hoje apinham-se neste recinto para ver maltratar animaes e escalavrar ou aleijar homens. As capellas são despejo das mais asquerosas immundicies. E tudo isto dentro em pouco cahirá em

(1) Veio ultimamente uma ordem para esta igreja se entregasse tambem ao regimento de cavallaria alojado em S. Francisco

ruínas, e de S. Domingos de Santarem por largos annos apenas se verá um montão de entulho.

O convento de S. Domingos de Santarem teve seu principio na parte baixa da villa chamada Montyrás. ² Mas, mais tarde, por causa do grande incommodo, que os frades tinham, quando subiam ao alto da villa a prégar, fizeram um pequeno mosteiro na parte superior da povoação, que tem o nome de Chão da Feira, em que havia uma ermida, dedicada a Nossa Senhora da Oliveira. Parece ter sido este convento fundado em 1225. Constou ao rei D. Sancho I a mesquinhez com que os frades levantavam o seu mosteiro, segundo a regra da sua ordem, e, como era amigo de edificações religiosas, ordenou-lhes que continuassem na fundação do convento segundo as leis da sua religião, mas que da igreja e claustro elle queria ser o fundador. Não teve este rei tempo para levar ao cabo esta obra, atalhado pela morte; porém foi continuada vagarosamente por seu irmão, D. Affonso III, e por fim terminada pelas esmólas dos fieis, compensadas com indulgencias, para o que conseguiram uma bulla de Alexandre IV em 1257. Em 1604, sendo Provincial Fr. Manuel Coelho, achava-se a igreja e claustro em tal estado de ruina, ³ que não houve outro remedio senão proceder a uma reconstrução total, á excepção da capella mór, cruzeiro e algumas capellas, que se conservaram como estavam na primitiva, por se acharem em excellente estado de conservação. A igreja era sumptuosa, sendo toda de abobada de tijolo. Tinha tres naves com dez columnas, de ordem Toscana. O tecto da capella-mór era de abobada enredado de pedraria, lavrada e com engracados florões. Era templo concorridissimo dos fieis, que ali se dirigiam movidos da devoção que tinham a S. Fr. Gil. ⁴ Muito mais poderia dizer a respeito deste mosteiro, mas para quê? Quem não poderá ler o assumpto tratado com desenvolvimento pela penna de Fr. Luiz de Sousa? Quem haverá tão desprezador da litteratura patria, que não passe horas deliciosas na leitura dos feitos e lendas de Fr. Gil? D'esse que foi escolhido pelo celebre D. Sueiro para continuar a introduzir a Religião Dominicana em Portugal?

M. BERNARDES BRANCO.

HISTORIA DA ROSA

As rosas eram empregadas tambem de outros modos mui differentes. Os sybaritas dormiam em leitos que estavam cheios de folhas de rosa, e bem conhecida é a anedota do celebre Smindyrides, que não pode dormir uma noite porque uma folha de rosa se lhe enrolara debaixo do corpo. O tyranno de Syracusa mandava preparar leitos de rosas, e algum tempo depois os romanos acostumaram-se a assentar-se á mesa sobre almofadões de rosas. Cleopatra, em um banquete que deu em honra de Antonio, gastou immensa quantidade de rosas e ordenou que o solo da casa em que teve lugar a festa estivesse coberto com mais de uma vara de altura de folhas de rosa, sobre as

quaes mandou lançar uma rede, para sugeital-as. Na celebre festa da agua de Bayos, toda a superficie do lago Lucrino foi coberta de rosas. Nero fazia com que em suas orgias chovessem rosas por aberturas praticadas no tecto da habitação. Helio-gabalo levou esta exaggeração a uma tal demencia, que mandou afogar com flores uma multidão de convidados de que não podia desembaraçar-se. No tempo de Domiciano havia em Roma innumeraveis jardins de rosas que chegaram a ser plantações de uma extensão immensa; e cujo aroma era tal que mesmo nas ruas atordoava. «Egypcios enviarei-vos cereaes que vos enviaremos rosas em troca,» dizia Marcial ao ver esta abundancia.

As rosas serviam tambem como medicamento entre os antigos; Hyppocrates julga-as um remedio efficaz contra a hydrophobia e logo se consideram como um medicamento adstringente e refrigerante. Depois foram, até, empregadas nos alimentos. Apicio descreve assim um manjar de rosas. «Tomem-se, diz este intelligente na arte culinaria, folhas de rosas lavadas; separe-se cuidadosamente a parte branca da extremidade inferior da folha, deitem-se depois em um almofariz e pizem-se, ajuntando-lhes constantemente salsa picante. Depois accrescente-se-lhe mais uma pequena porção d'esta salsa, e passe-se tudo por um peneiro. Logo, tomam-se os miolos de quatro cabeças de vitella, e ajunta-se-lhes uma drachma de pimenta bem moída. Piza-se bem em um almofariz humedecendo-o com a dita salsa. Em seguida deitam-se oito ovos e mistura-se-lhe um copo de vinho e outro de licor, ajuntando-lhe um pouco d'azeite; por ultimo, depois de dar a esta massa a forma que se quer, humedece-se por fóra com azeite, e cose-se em um forno, de modo que receba tanto calor por cima como por baixo, e serve-se quente na mesa.»

As rosas serviam igualmente para preparar bebidas, como, por exemplo, o vinho de rosas. Plinio diz d'este: «Tomem-se 40 drachmas de folhas de rosa, e depois de tel-as espremido bem, passem-se para um panno, e ponham-nas em uma vasilha, com um peso em cima, para que se conservem sempre no fundo; depois deitar-se-hão sobre ellas 20 pintas de mosto e deixal-as-hão assim ficar por espaço de tres mezes.»

Os antigos faziam tambem oleo de rosa, mas era muito differente do que hoje se fabrica no Oriente; para extrair-o deitavam folhas de rosa em uma vasilha com agua que collocavam ao sol; a parte oleosa saía á superficie e tinham então o cuidado de colhel-a com um pedaço d'algodão muito limpo, espremendo-o depois em um frasco hermeticamente tapado; mas nem todas as classes de rosas davam igual quantidade de oleo. O melhor e mais puro tem uma cor de limão transparente, e conserva sempre o mesmo corpo, excepto quando se leva ao fogo, que se torna mais liquido. Introduzindo-se no frasco a ponta de uma agulha e tocando-se depois com ella em um lenço, este conservará por muitos mezes um aroma forte a rosa. A essencia de rosa chamada *Athar* ou *Ottor*

(2) Fr. Luiz de Sousa. Historia de S. Domingos, liv. 2. cap. 1.

(3) Ignacio da Piedade e Vasconcellos. Historia de Santarem, vol. 2.º pag. 53.

(4) O tumulo deste celebre feiticeiro está hoje no museu de antiguidades no Carmo em Lisboa.

pelos Orientaes, é um artigo de commercio muito importante nas costas da Berberia, Syria e Persia, onde é pago a peso de ouro. A melhor essencia é a de Cachemira, depois a da Persia e depois a da Syria. O nardo da Biblia parece ser uma cousa analoga, posto que a rosa é chamada *nard* em arabe.

Nos tempos obscuros da idade media parece ter-se abandonado um pouco o cultivo da rosa, mas, com tudo, ha uma ordenança de Carlos o Grande que recommenda aos Francos a plantação e cultivo d'esta flor. Os beneditinos fizeram grandes esforços depois para estender o seu cultivo e em qualquer ponto onde se creasse um convento d'esta ordem fazia-se logo em seguida um jardim de rosas. A rosa foi mui cultivada pelos arabes que a apreciavam muito. O sabio Ewe-el-Awam, em um livro que escreveu no seculo XII sobre agricultura, dá varias noticias ácerca do seu cultivo. Os cruzados introduziram em França e em Allemanha diferentes especies até então desconhecidas; assim foi semeada na Provença a rosa de Damasco no anno 1100. A rosa de cem folhas era uma cousa summamente estranha na idade media e o botanico Clusio, em uma obra que deu á luz em 1589, cita como caso extraordinario uma rosa de cem folhas que vira na Hollanda, accrescentando que em Francfort sobre a Mein vira tambem algumas em casas de pessoas de elevada jerarchia.

Lobel, o botanico de Jacob I d'Inglaterra, publicou em 1581 uma descripção de dez especies de rosas; Baubin conhecia já 19 em 1629; Wildenow 36 em 1779 e Parsom 46 na sua *Synopses plantarum*, publicada em 1798, entre as quaes figura a linda rosa de Bengala, cuja patria é a China.

No occidente, porem, da Europa, nem mesmo nos grosseiros tempos da idade media, era esquecida a rosa; uma prova d'isto é a festa chamada da *roseira* em Salency cuja origem teve lugar no sexto seculo. A tradição diz que S. Medardo foi quem estabeleceu este costume; o seu objecto era dar á joven mais virtuosa do povo no dia 8 de junho de cada anno, um premio de 25 libras com uma coroa de rosas, e a fim de que se conservasse sempre este costume, legou para isso uma porção de terras que possuia; a primeira joven que obteve este premio foi a irmã do santo. Outras festas pelo estylo d'esta tinham lugar tambem em outro tempo em varios pontos da França, como Saint Sauveur, La Falaise, Nancy, Meaux, etc.

Em muitos escudos de armas de varios paizes encontram-se tambem rosas, como no d'Inglaterra, no de Lippe e nos dos ducados da Saxonia. Lutero tinha uma rosa no seu sello. Uma multidão de povoações da Allemanha tem o seu nome composto da palavra, como Rosenthal, Rosenau, Roseuberg, etc. etc. Nas armas do Vehma ou antigo tribunal secreto da Allemanha, havia a imagem de um cavalleiro com um ramo de rosas na mão. Quando qualquer dos individuos d'este terrivel tribunal via uma rosa era obrigado a beijal-a. A rosa era

representada frequentemente nas obras de arte da idade media e figura em um grande numero de obras antigas, como na novella da Rosa, em Amadis, em Parzival, na novella de Perceforest e nas obras do Chaucer.

A rosa occupa um lugar mui distincto na igreja da idade media. Em Allemanha ha varias tradições que se referem a uma rosa de Santa Izabel de Auringia e a outra do convento de Altenberg. Santa Dorothea recebeu tambem de um anjo um ramo de rosas com o qual a representam. Diz-se que depois de morto o bispo Luz, sobrinho de Luiz XI de França, saio-lhe uma rosa da boca. Da nossa rainha Santa Isabel, mulher de D. Diniz, conta-se, igualmente, que levando um dia em um lenço pedaços de pão e dinheiro para dar aos pobres, estas esmolos se transformaram em rosas; porque questionada por seu marido, que a encontrara fóra do palacio, sobre o contheudo da trouxinha, lhe respondera que eram flores. Em Roma ha o domingo de Rosas (o quarto da quaresma), no qual o Papa abençoa uma rosa de ouro para com ella presentear opportunamente alguma igreja ou alguma pessoa real, como succedeu por occasião do baptisado do actual principe imperial da França. Este costume tem sido seguido desde o undecimo seculo. Anteriormente, em França, levavam-se á igreja grandes jarros com agua de rosas para os baptisados. Quando baptisaram Ronsard, o poeta mais distincto do tempo de Henrique II, a ama que o levava nos braços á igreja deixou-o cair sobre um montão de flores e a mulher, portadora do jarro com a agua de rosas, teve tão grande susto, que derramou toda a agua sobre a criatura; o que foi interpretado como um indicio da boa sorte do menino, e a tradição attribue a este successo o grande exito das suas poesias.

Tornando, porem, á historia, acharemos varias ordens e sociedades secretas que se criavam nos seculos XVII e XVIII e que adoptaram por nome e symbolo uma rosa. Assim, por exemplo, os cruzados da rosa, que pretendiam fazer reformas na igreja e no estado, e cujo distinctivo era uma cruz de Santo André, com uma rosa rodeada de espinhos e com este distico: *Cruz Christi Corona christianorum*. Em Paris houve tambem a sociedade chamada dos *Rosati*, na qual não podia entrar ninguém que não tivesse feito alguma composição poetica em louvor da rosa. Em fim ha as tres ordens da rosa creadas ultimamente: a do duque de Chartres, que era a reunião de todos os libertinos de Pariz e de todas as mais notaveis corteças em 1780; a ordem da rosa, criada por D. Pedro I, imperador do Brazil e a ordem allemã da rosa, criada em 1784 por Grossinger.

A sciencia conta hoje umas 3:000 classes e variedades de rosas, cujos caracteres distinctivos só os conhece o verdadeiro intelligente na materia. O cultivo maior de rosas é o que se faz em França; tanto as d'este paiz como as d'Inglaterra e Allemanha tem uma merecida reputação; mas, parece-nos que não tem o aroma das nos-

sas ou das d'Hespanha e d'Italia. A imperatriz foi a primeira que deu impulso ao seu cultivo, fazendo com que o seu jardineiro puzesse no jardim do seu palacio de Malmaison todas as letras do seu nome formadas das mais estranhas rosas. Em Franca criavam-se escolas, em Paris, Versailles, Rouen, etc. onde se ensinava o cultivo d'esta flor. No condado de Hertford é onde estão os melhores jardineiros para rosas que a Inglaterra possui e ali publicou-se ainda não ha muitos annos um livro tratando d'esta flor.

Em Allemanha tinham fama as collecções de rosas de Cassel; na actualidade os maiores jardins d'ellas estão em Dusseldorf; tambem os ha muito bons em Witzleben, Koestritz, etc.

Concluiremos citando a maior roseira que se conhece no mundo; é uma branca que está no jardim da marinha de Toulon; conta já 40 annos, e em 1742 o seu tronco tinha dois pés e quatro pollegadas de circumferencia; a sua altura é de 13 a 18 pés, e quando floresce (que é do meiado de Abril a meiado de Maio), não dá menos de 50:000 rosas; o seu aspecto é magnifico, ou para melhor dizer encantador.

Em Caserta, ha outra roseira da mesma classe que attinge a altura de 60 pés. O barão Jaspes Nicholls de Goudrent em Inglaterra tinha uma que em 1854 deu de 17,000 a 18,000 rosas.

Quem pode exercitar a doçura de espirito no meyo das dôres, a generosidade no meyo das fraquezas, a paz no meyo das contradicções, este he mais que perfeito. A mansidão, a suavidade de coração, a igualdade de humor, são virtudes mais raras que a castidade: e assim as devemos ter em grande estimacão. Não ha cousa que mais edifique, que a mansidão caritativa; nella como no azeite da lampada, vive, e se nutre a chama do bom exemplo.

MANUEL BERNARDES.

DON JOSÉ RIBERA.

O museu hespanhol do Louvre, essa vasta collecção de quadros que os francezes, sem maior cerimonia, foram levando de todas as provincias da Hespanha, acha-se aberto ha muito tempo, e tem se podido distinguir, n'aquelle conjuncto de composições diversas, algumas telas dos grandes mestres, em que se reveiam eminentes qualidades. Mas, tambem, é forçoso confessar, uma grande parte d'aquellas obras não saem da existencia vulgar; prende-as uma grossa cadeia á vida terrestre. É justamente o contrario da escola italiana, que se eleva ás celestes regiões da arte. Em Hespanha, paiz que parece fugir da justiça, o artista pensa nas necessidades da vida, na ambição, na malvadez, no despotismo que o cercam. Se procura um assumpto, encontra a indigencia, e immediatamente cobre a sua téla de mendigos: as dores cruciantes dos martyres servem-lhe para exprimir a desolação que o rodéa. Alguns homens, porém, fizeram treguas por algum tempo com aquelle perpetuo gemido: citaremos Murillo, Luiz de Vargas e Ribera.

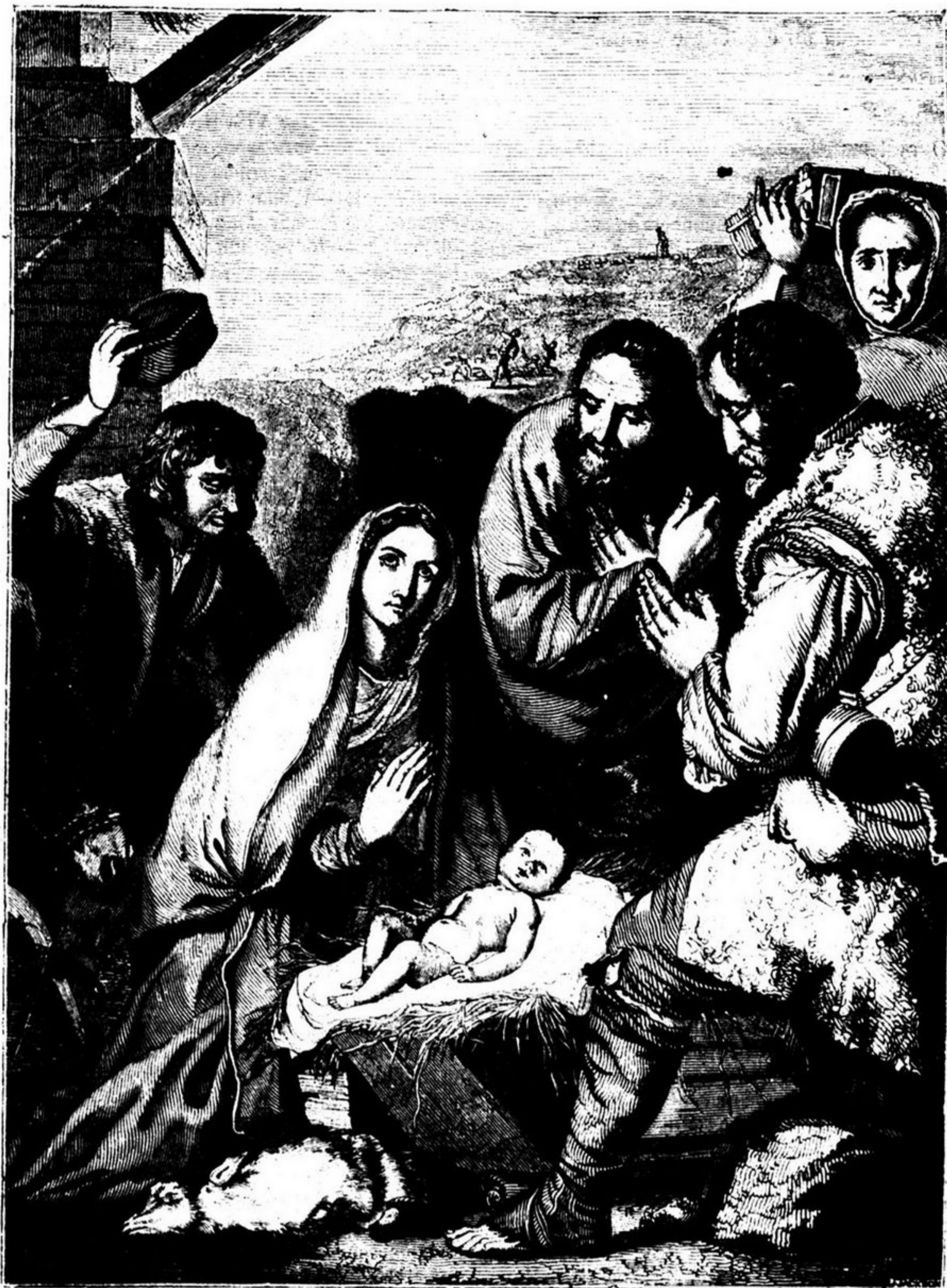
Ribera, a quem appellidaram o Espanholeta, unicamente para indicarem o paiz em que nas-

cera, pertencia a uma familia nobre de Murcia. Destinado ao estado ecclesiastico, começou os seus estudos na universidade de Valencia. Frequentava tambem a esse tempo as aulas um dos filhos do pintor Ribalta. Relacionando-se, e tornando-se amigos, Ribera teve occasião de ver alguns desenhos d'aquelle artista, os quaes desde logo procurou copiar. Informado Ribalta da vocação do mancebo, e vendo o que elle fazia, disse ao filho que lh'o apresentasse, e deu-lhe licença para trabalhar na sua officina. Em pouco tempo, Ribera fez rapidos progressos, e seus paes, vendo a sua aptidão, consentiram em deixal-o partir para Italia. Dirigio-se a Roma, onde viveu sem meios, estudando todo o dia, e dormindo de noite debaixo dos alpendres. Assim andou muito tempo, até que em certo dia vio na igreja de S. Luiz algumas pinturas que lhe excitaram sympathia: eram obras do celebre Caravaggio. Ribera concebeu desde logo o projecto de procurar aquelle artista, que lhe poderia dar algumas licções. Não tardou muito que a fortuna lh'o não deparasse em um passeio: Ribera saio-lhe ao encontro, e disse-lhe; que desejava muito vel-o pintar. Caravaggio não fez mais que indicar-lhe que o seguisse e entraram ambos em uma casa de magnifica apparencia.

Imagina-se facilmente quão util não seria para o Espanholeta um ensino d'esta natureza. Caravaggio morreu, e o seu novo discipulo, começou a copiar muitas obras de Corregio: formou um estylo de pintura inteiramente novo, que não se assemelhava nem a Corregio nem a Caravaggio, mas que se sente inspirado pela a meditação d'estes dois mestres. A fortuna de Ribera estava feita, e em breve vio estabelecida a sua reputação. Um dia pondo a seccar ao sol um quadro do martyrio de S. Bartholomeu, foi tal a multidão que se apinhou para vel-o, que o duque d'Ossuna, avistando-a das janellas do seu palacio, mandou indagar do que dera motivo áquelle ajuntamento. Ordenou que lhe levassem o quadro, e desejou conhecer o seu auctor. Logo que soube que Ribera era hespanhol, nomeou-o seu primeiro pintor, dando-lhe uma consideravel pensão. Immediatamente começaram a pedir-lhe quadros para as igrejas de Nápoles, para os conventos, palacios e para o rei de Hespanha. O exito que obtiveram a *Descida da Cruz* e a *Madona Bianca*, foi extraordinario.

Ribera enriqueceu em pouco tempo; a sua casa era magestosa, estava soberbamente mobilada, tinha caruagem, e dava a miude bailes esplendidos.

A opulencia, porem, em que vivia, não o fez abandonar o trabalho. Na officina, a sua applicação era tal, que lhe acontecia muitas vezes passar o dia todo sem comer nem beber. Como esta distracção prejudicava o seu temperamento, vio-se obrigado a ter sempre um homem junto de si, que lhe dizia de tempos a tempos: « Senhor Ribera, ha ja tantas horas que trabalha. » Effectivamente, era preciso que elle estivesse completamente absorvido no seu trabalho para poder produzir tantas obras tão estudadas e ao mesmo tempo tão perfeitas. Os seus maiores quadros apenas lhe levaram alguns mezes de trabalho; quanto aos de meio corpo, nos quaes havia um só personagem, como o S. Jeronymo e outros, acabava-os, para assim dizer, em horas.



Adoração dos Pastores (Quadro de Ribera)

A melhor tela de Ribera, que possui o museu do Louvre é, sem contradicção, a *Adoração dos pastores*, da qual é copia a nossa gravura; está ali bem claro o typo valenciano e castelhano. Vêde aquelles homens robustos que avançam para o Menino Deus: pelo rosto morenado e selvagem, pela sua attitude e vestuario, julgareis

que fazem parte de um bando de contrabandistas das montanhas das Asturias; e aquella virgem, triste e meditabunda, de olhos brilhantes e vivos como as filhas de Sevilha, Granada e Cordova; e o Menino Jezus de gordas carnes e maciças, symbolo da força e do vigor material; porque, repelimos, um defeito saliente da escola hespa-

nhola, e do qual exceptuaremos, unicamente, Murillo, é a falta de poesia; tudo nas suas composições é vulgar; ha talento, algumas vezes genio, mas nada ali é celeste e divino.

OS BRAHMANES

O systema theologico do Brahmanismo apresenta-nos, no cume da sua hierarchia de divindades, um trio (*Trimurti*) composto de *Brahma*, *Vischnu*, e *Siva*; mas esta concepção não apparece logo na historia da India. Já dissemos que nos Vedas e no Codigo de Manu, apenas se faz menção de *Vischnu* e *Siva*, e que estes Deuses não desempenham ahi papel algum. O proprio *Brahma* não recebe no Rig-Veda nenhum dos attributos da suprema intelligencia que, mais tarde, lhe foram attribuidos. No *Manava-Dharma-Sastra*, *Brahm*, o Deus supremo, unico, eterno, infinito, incomprehensivel, existindo por si mesmo, do qual o mundo e tudo quanto o compõe não são mais do que manifestações, rege, sob o nome de *Brahma*, o universo do qual é criador e destruidor. *Brahm* é tambem chamado *Paramatmá* (a grande alma). Segundo o Codigo de Manu, o universo, na origem das cousas, estava mergulhado na obscuridade, imperceptivel e destituido de todo attributo distinctivo, quando «Aquelle a cujo espirito só e dada a percepção, que escapa aos órgãos dos sentidos, que não tem partes visiveis, eterno, a alma de todos os seres, que ninguem pode comprehender, manifestou o seu proprio esplendor. Tendo resolvido em seu pensamento fazer emanar da sua substancia as diversas criaturas, produziu primeiramente as aguas, nas quaes depositou um germen. Este germen tornou-se em um ovo tão brilhante como o ouro, tão resplandecente como o astro de mil raios, e do qual o ser supremo nasceu, sob a forma de *Brahma*, o avô de todos os entes. É, por esta causa imperceptivel, eterna, que existe realmente e não existe para os órgãos, que foi produzido esse varão celebre no mundo chamado *Brahma*. Depois *Brahma*, de ter existido n'este ovo um anno o Senhor, só pelo seu pensamento, dividio este ovo em duas partes, e, d'estas duas partes, formou o céu e a terra; no meio collocou a *athmosphera*, as oito regiões celestes e o reservatorio permanente das aguas.» Depois, quando *Brahma*, sahido do ovo, vai criar os elementos que hão de formar todos os entes do universo, dá-lhes o nome de *Paramatmá*, alma suprema. Mas, note-se que não é *Brahma* quem directamente dá o ser ás criaturas. Cria primeiro *Manu*, que é quem, depois, as produz por uma serie de emanações. Entre estas criaturas, observa-se uma multidão de deuses, semi-deuses, genios, demonios, nymphas, monstros, etc., enfim, todos os elementos da mais fantastica mythologia.

É nos *Pouranas*, com especialidade, que se encontra bem desenvolvida esta mythologia exuberante que distingue o Brahmanismo. Aqui, *Brahma* figura pouco; acha-se, para assim dizer, vivendo na solidão, em quanto que *Vischnu* e *Siva*, por

uma mudança inexplicavel, apparecem no primeiro plano. e não só tomam lugar a seu lado, como seus iguaes, mas ainda em certas occasiões se mostram superiores. Os attributos de cada um dos deuses que compõem a *Trimurti* india classificam-se d'este modo: *BRAHMA*, sol, criador, poder, passado, materia; *VISCHNU*, agua, conservador, sabedoria, presente espaço; *SIVA*, fogo, destruidor, justica, futuro, tempo. *Brahma*, *Vischnu* e *Siva* constituem, em sua trindade indossolúvel, o ser supremo ou *Parabrahma*, que é representado emblematicamente por um circulo inscripto em um triangulo, e designado pela syllaba mysteriosa *AUM*, pela qual se deve começar e acabar toda a leitura dos livros sagrados. Esta unidade da *Trimurti* acha-se energicamente exprimida n'esta passagem do *Bhagavat-Pourana*. Um patriarcha dirige-se a *Brahma*, *Vischnu* e *Siva*, e pergunta-lhes qual dos tres é o verdadeiro Deus. As tres divindades respondem-lhe: «Sabei, ó penitente, que não ha distincção real entre nós; o que tal vos parece, só é apparente. O ser unico apparece sob tres formas pelos actos de criação, conservação e destruição; mas é um só. Render culto a uma d'estas tres formas, é rendel-o aos tres, ou ao unico Deus supremo.»

O esquecimento em que caio *Brahma* explica-se facilmente. Os povos Indios nada mais esperam do Deus criador, mas teem tudo a esperar e tudo a temer das duas divindades cujas funcções especiaes são a conservação e a destruição. Por consequencia, não se encontra na India nenhum templo dedicado a *Brahma*; hoje, até, o seu culto e nome estão em completo esquecimento. Os Indios actuaes não honram senão *Vischnu* e *Siva*: d'ahi, tres seitas, ou, para melhor dizer, tres religiões distinctas e inimigas. Eis o quadro que d'ellas traça o abbade Dubois, de accordo n'esta parte com os homens que melhor teem estudado o estado religioso dos Indios de nossos dias: «Geralmente os indios fazem profissão de honrar igualmente as duas grandes divindades do paiz, que são *Vischnu* e *Siva* sem darem preferencia a esta ou áquella. Comtudo, acha-se entre elles um grande numero de sectarios dos quaes uns se inclinam exclusivamente ao culto de *Vischnu* e outros ao de *Siva*. Os primeiros são, em geral, designados pelo nome de *Vischnu-baktar*, que significa devotos de *Vischnu*, e os segundos pelo de *Siva-baktar*, ou devotos de *Siva*. Estes tambem se chamam *Lingadarys* e aquelles *Nahmadarys*. Estes nomes ultimos derivam dos signaes distinctivos que trazem para se darem a conhecer. O signal dos devotos de *Vischnu* é a figura chamada *Nahmam*, que elles imprimem na fronte: é formada de tres linhas, uma perpendicular e duas obliquas, que, reunindo-se na sua base, dão a este signal a forma de um tridente. A linha do meio é encarnada, as duas lateraes são brancas e traçadas com uma especie de terra chamada *nahmam*, donde deriva o nome que se deu a esta figura. O signal distinctivo dos devotos de *Siva* é ordinariamente o *lingam*. Trazem-no algumas vezes atado no ca-

bello ou nos braços mettido em um pequeno tubo de prata; mas, quasi sempre, suspendem-no ao pescoço, e a caixa de prata que o encerra desce-lhes sobre o peito. Cada seita exalta o Deus que adora, e procura deprimir o da seita opposta. Os devotos de Vischnu pretendem que e aos cuidados d'este deus que se deve tudo quanto existe; que é a elle só que Siva deve o seu nascimento e a existencia, porquanto foi elle quem o salvou em muitas circumstancias nas quaes, sem o seu soccorro, não poderia evitar uma perda certa; que está pois, a todos os respeitos infinitamente acima de Siva, e que só elle deve ser honrado. Os devotos de Siva, por sua parte, sustentam que Vischnu não vale nada e que nunca praticou senão baixezas, que o aviltam. Provam estas asserções com muitos episodios da vida d'este Deus. Siva, segundo elles, é o soberano senhor de tudo quanto existe, e concluem que só elle merece as adorações dos homens. Estas reciprocas pretenções dão lugar muitas vezes a grandes disputas e a rixas violentas.» É justo acrescentar: «Que a maior parte dos Indios e, sobre tudo, os Brahmanes, nunca tomam parte n'estas questões religiosas. O systema destes ultimos é honrar igualmente as duas principaes divindades do paiz; e, ainda que, geralmente, pareça inclinarem-se mais para Vischnu, não deixam passar um dia sem offerecerem, em suas casas, um sacrificio ao lingam, emblema de Siva.»

(Continua)

A SUPERFICIE TERRESTRE

Transportemo-nos pelo pensamento ao longe no espaço, de modo que possamos d'ahi contemplar o nosso globo com todas as desigualdades da sua superficie. Os continentes parecer-nos-hão manchas negras e desiguaes, sobre uma superficie lisa, manchas que, soltas para o polo do sol, adherem ao vasto lençol gelado do polo do norte por meio de prolongamentos de uma alvura deslumbrante. Estes prolongamentos de gélos eternos, a nivel com o solo polar, elevam-se gradualmente e desenham-se, serpenteando, como rios gelados cujas ramificações, seguindo as cimas sinuosas das mais altas cadeias de montanhas, estendem-se até o equador. Nas manchas negras, irregulares, domina a côr verde: são as roupagens da natureza vegetal. Nas dobras d'estas amplas roupagens, não vêdes agitarem-se aqui e ali, como grupos parasitas? São as legiões do reino animal das quaes o homem é o chefe. Os flancos abruptos d'estas dobras offerecem todas as colorisações proprias do reino mineral. Mas tudo ali parece immovel como sobre a neve eterna. A vida anima unicamente as aguas e as rochas cobertas de homens.

A cal, a argilla, a ocre e a silica, eis as substancias mineraes que constituem principalmente a crosta terrestre. Estão universalmente espalhadas pela superficie do globo; encontram-se em todos os climas, tanto na zona frigida como na torrida; a sua identidade de aspecto desperta no espirito do

viajante a lembrança do solo natal, ao passo que tudo quanto vive em torno d'elle muda de forma. O que é a cal, a argilla, a ocre e a silica? Durante milhares de annos estas substancias representavam unicamente aos olhos dos philosophos o elemento solido: era a terra diversamente modificada. Hoje sabe-se que são verdadeiros metaes cujas propriedades caracteristicas estão occultas pela sua combinação com um ou dois corpos aeriferos (oxigenio e ácido carbonico). A cal, a argilla, a ocre e a silica são especies de *ferrugem*, dos oxidos ou carbonatos, cujos metaes se denominam calcium, aluminum, ferro e silicium. No estado de pureza, teem todas, mais ou menos, a côr e o brilhantismo da prata, a qual igualam ou excedem em dureza. Mas não tarda que não absorvam o oxigenio e o ácido carbonico da atmosphera, e reteem estes gazes, sobretudo o primeiro, com tanta tenacidade que é necessario empregar os meios mais energicos para desoxydar a cal, a alumina (argilla pura) e a silica. A ocre (mixto de oxydo e de carbonato de ferro impuro) reduz-se facilmente pelo simples emprego do carvão. Apresentando-se um mixto d'estes differentes corpos, quereis separal-os uns dos outros? Fazei uso da agua forte (ácido nítrico:) esta reage sobre os carbonatos de cal e de ferro produzindo effervescencia ruidosa, devida á separação do gaz ácido carbonico, em quanto que a silica e uma grande parte da alumina ficam intactas. Se no liquido filtrado se deitar ácido sulfurico, vereis este dissolver o ferro, formando vitriolo verde (sulfato de ferro,) e a cal separar-se-ha no estado de gesso (sulfato de cal) quasi insolúvel. O mesmo ácido poderá servir para distinguir o aluminium da silica. Em resumo, o ferro, appellidado pão da industria; o aluminium, cuja descoberta e applicações são recentes; o calcium e o silicium, que esperam ainda o seu uso; estes quatro metaes constituem — o ferro, pelas suas abundantes minas, o aluminium, o calcium e o silicium pelas grossas camadas de argilla, terra argillosa, greda calcaria, areias, lioz, quartzo, silex, — a quasi totalidade da crosta terrestre, todo o sob-solo do reino vegetal; de modo que se o oceano aerio, que de todas as partes rodea a terra, fosse um agente *reductor*, em lugar de ser um meio de oxydação, o nosso planeta, desnudado de todas as manifestações da vida, não seria mais do que um globo metálico cujos raios reflectidos imitariam o brilhantismo do sol.

O CAÇADOR D'ELEPHANTES

conto persa

A seguinte historia é narrada por um auctor persa que a ouvira, diz elle, a varios velhos do Sind e do Indostão, homens dignos de fé, e todos compatriotas ou amigos do proprio caçador que vai fallar.

«Eu costumava caçar em uma floresta frequentada por bandos d'elephantes, e raras vezes entrava em casa com as mãos vazias; effectivamente, tinha descoberto o sitio onde estes bandos

costumavam ir beber, e escolhia, no caminho que deviam seguir, uma arvore muito alta e copada donde podia observar os elephantes sem ser visto. Ordinariamente, era quando o rebanho voltava, depois de ter saciado a sede, que eu escolhia a minha presa, e a matava disparando-lhe uma frecha cuja ponta era envenenada. Logo que caia a victima, o resto do bando dispersava-se em um momento, porque estes animaes parece que tem horror aos cadaveres. Eu então descia do meu posto e apoderava-me da pelle e do marfim, cuja venda me dava o necessario para eu viver e minha familia.

Um dia, feri um elephante. O animal caio dando gritos medonhos. Eu tive o cuidado de não sair logo do meu esconderijo, porque os elephantes, que primeiramente haviam, como das mais vezes, fugido espavoridos, não tardaram em retroceder. Um d'elles, que me pareceu ser o conductor do bando, aproximou-se do animal moribundo, examinou attentamente a frecha e a ferida que sangrava, e desapareceu. Mas, poucos instantes depois, voltou acompanhado de todos os seus companheiros. Os elephantes agruparam-se em torno do ferido, que se estorceia em convulsões, e que em breve fez o ultimo suspiro. Separaram-se então, mas não para se dispersarem: começaram, pelo contrario, correndo de um para outro lado, como que procurando alguma cousa, examinando uma a uma todas as arvores, mettendo a tromba por entre os ramos. A vista d'isto não havia que duvidar: a minha morte estava proxima. Julgue-se do grande medo que de mim se apoderou quando vi o principal do rebanho collocar-se debaixo da arvore sobre a qual eu me achava. Com a tromba afastava a folhagem; quando me avistou, não podendo chegar ao cimo onde me havia refugiado, diligenciou abalar o tronco, e, com effeito, embora esta arvore fosse de uma elevação e grossura pouco communs, conseguiu desarragal-a. A elasticidade dos ramos amorteceu a violencia da queda, apenas me magoou; mas esperava ser immediatamente pisado pelos elephantes, e, resignado com a minha sorte, nem mesmo procurei defender-me. No entretanto o conductor do bando afastava os que avançavam para mim; os seus olhos intelligentes brilhavam, fixando-se alternativamente sobre mim, sobre o arco e sobre a minha aljava cheia de frechas, que estavam a alguns passos de distancia. De repente agarrou-me com a tromba e collocou-me sobre as costas: em seguida, apanhando o arco e a aljava, entregou-mos e poz-se a caminho por onde tinha vindo, seguido do seu bando.

Depois de ter andado algum tempo parou, e pude ver sobre a areia, a curta distancia, uma enorme serpente adormecida. Acordada pela bulha dos passos, o monstruoso reptil endireitou a cabeça vibrando o seu ferrão, o que me pareceu assustar bastante todos os elephantes, excepto o que me conduzia. Este agarrou-me novamente com a tromba e poz-me no chão juntamente com o arco e a aljava; depois, indicando-me alternativamente as armas e a serpente, fez-me comprehender o que queria de mim.

Disparei a primeira frecha, que penetrou na garganta da serpente, e uma segunda atravessou-lhe a cabeça de lado a lado. Logo, o meu elephante precipitou-se sobre ella e esmagou-a com os pés. Terminando esta operação, tornou a por-

me em cima de si e partio; o rebanho seguiu o seu conductor. Depois de muitas horas de rapido caminhar atravessou uma immensa floresta, onde nunca até então eu havia entrado, e que se estendia sobre um espaço de muitos *fersokhs* (1) quadradados, chegamos a um sitio cujo terreno estava todo todo coberto de ossadas e cadaveres d'elephantes: parecia ser o cemiterio d'elles.

O elephante, que me levava, escolheu, como entendido, entre todos estes preciosos despojos, os melhores dentes, os quaes foi pondo sobre as costas dos seus companheiros, carregando-os com todo o peso que podiam; em fim, elle proprio tomou uma carga igual, que collocou entre a sua nuca e os meus joelhos.

A caravana dirigio-se em seguida, atravez de uma extensa planicie, para o lado dos lugares habitados. Quando chegou á vista de um grupo de aldeas, o elephante que a conduzia, fez com que cada qual pozesse a sua carga no solo, que se elevou á altura de uma collina; collocou-me depois com as minhas armas ao lado do presente, e partio com todos os seus a galope.

Corri logo á aldeia proxima, e ajuntei com cincoenta homens para me ajudarem a conduzir o meu thesouro. Graças a Deus, os lucros que realisei com a venda de uma tal quantidade de marfim, tornaram-me, como sabeis, um dos mais ricos negociantes da minha terra natal. E, ainda hoje, não penso n'este caso estranho, que me não sinta cheio do mais vivo reconhecimento para com aquelle que, só, conhece todos os mysterios que encerram as almas das suas criaturas.

Não ha modo de mandar, ou ensinar mais forte, & suave, do que o exemplo: persuade sem rhetorica, impelle sem violencia, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as duvidas desata, & corta caladamente todas as desculpas. Pelo contrario, fazer hua cousa, & mândar, ou aconselhar outra, he querer endireytar a sombra da vara torcida.

A SCIENCIA

Nós devemos encarar o estado presente do universo como o effeito do seu estado anterior, e como a causa do que segue. Uma intelligencia que, por um instante dado, conheceu todas as forças de que a natureza é animada e a situação respectiva dos seres que a compõem, se alem d'isso fosse bastante vasta para submeter estes dados á analyse, abraçaria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do mais leve atomo; nada seria incerto para ella e tanto o futuro como o passado estariam presentes a seus olhos. O espirito humano offerece, na perfeição que deu á astronomia, um fraco esboço desta intelligencia. Applicando o mesmo methodo a outros objectos do nosso conhecimento, conseguiu levar a leis geraes os phenomenos observados, e a prever os que deviam nascer das circumstancias dadas.

LAPLACE.

(1) Um fersokhs equivale a 4 milhas inglezas.